

COLLEGAMENTO CH
Rocca di Papa, 23/02/2019

“DE JERUSALÉM PARA O MUNDO”

1. Abertura e saudações

2. Dialogando com Francisco Canzani e Joseph Assouad

3. Jerusalém: A cidade de todos

Das vozes dos habitantes de Jerusalém, uma perspectiva que descobre sementes de esperança na cidade mais disputada do mundo para além do que as notícias nos mostram diariamente.

4. Terra Santa: Histórias de diálogo

Anna Maria, Jessica e Talat: um testemunho de amizade entre fiéis das três religiões monoteístas. Quando desmoronam os muros da desconfiança e dos preconceitos, se experimenta a possibilidade de olhar para o futuro com coragem e esperança.

5. Jerusalém: o "Centro Internacional para a Unidade e a Paz"

A paz pode ser construída de mil maneiras. Às vezes também servem lugares onde poder se encontrar, lugares de espiritualidade, estudo, diálogo e formação. Um projeto dos Focolares para Jerusalém.

6. Dialogando com Francisco Canzani e Joseph Assouad (cont.)

7. Concexão com Panamá: pós JMJ

8. África Oriental: Juntos por uma nova África

Janeiro de 2019. Na Mariápolis permanente dos Focolares, perto de Nairóbi (Quênia), mais de 100 jovens de 7 países se reúnem para um curso de formação de líderes.

9. Co-Governança: corresponsabilidade nas cidades hoje

Por volta de 2050, 70% da população mundial viverá em áreas urbanas. Os desafios e as oportunidades deste fenômeno estão no centro do evento internacional realizado de 17 a 20 de janeiro no Centro Mariápolis de Castel Gandolfo.

10. Dialogando com Maria Voce (Emmaus) e Jesús Morán

11. Chiara Lubich: "Por causa da tua palavra, lançarei as redes"

Rocca di Papa, 21 de dezembro de 1982 - da gravação de Chiara Lubich ao comentário da Palavra de Vida de fevereiro de 1983 (cf. *Lc 5,5*).

12. Conclusão

1. Abertura e saudações

Chiara Lubich: Agora precisamos dar a volta ao mundo. Será longa, pois o mundo é um pouco grande.

Eli Folonari: Palmira, em ligação da Suíça.

Palmira: Sim Eli, olá Chiara

Eli: Buenos Aires

Vozes: Chiara, estamos com você!

Chiara: Até parece que estão aqui! Estamos ligados ao mundo inteiro, é uma conferência telefônica, onde eu passo um pensamento espiritual, forte que todos vivem juntos e depois uma minha companheira, a Eli, que está sempre comigo, conta o que aconteceu de positivo durante o mês; por isso é tudo de todos.

(música)

Vocês podem ver que temos uma novidade; aqui do meu lado não está só a Eli, mas também o Marco, Marco Aquini, que eu gostaria que representasse os jovens.

Eli: Agora ouvirão Chiara.

Chiara: Pronto! Olá!

Vozes: Olá Chiara!

Tamara Pastorelli: Olá e sejam bem-vindos! Não poderíamos começar sem lembrar de duas pessoas que colaboraram com Chiara para a realização do Collegamento: Eli Folonari, que a acompanhou desde o início, e Marco Aquini. Ambos nos deixaram recentemente. Nosso grande obrigado para eles! Então vamos começar. Eu me apresento: sou Tamara Pastorelli, italiana. Sou casada com Francesco, que está aqui na sala, e vivemos na belíssima Toscana, na cidade de Arezzo. Aproveito para cumprimentar todos os nossos amigos que nos ouvem. Trabalho no setor das comunicações. Uma saudação a todos eles!

Vamos começar. Lembramos que, como sempre, vocês podem enviar as suas impressões, sugestões, fotos para esses contatos e para este número de telefone¹:

2. Dialogando com Francisco Canzani e Joseph Assouad

Tamara: Hoje à noite, ao meu lado, estão Francisco Canzani, e Joseph Assouad. Francisco, você é um especialista em ecumenismo e diálogo judaico-cristão, enquanto você, Joseph, é médico e viveu vários anos em Jerusalém. Ambos fazem parte do Conselho Geral do Movimento dos Focolares; que é composto por cerca de 70 pessoas que representam os vários setores do Movimento no mundo. Muitos estão aqui

¹ O endereço de e-mail, a página do FB, e número telefônico projetados.

presentes. Sejam bem-vindos. As boas-vindas também aos membros da Escola Abbá. (aplausos)

Vocês, e todo o Conselho Geral, acabaram de voltar da Terra Santa, onde fizeram uma semana de retiro e peregrinação. Grande parte dessa conexão será dedicada a esses lugares: Jerusalém e Terra Santa.

Francisco, diga uma impressão imediata desta viagem.

Francisco Canzani: Bem imediata. A primeira coisa é o encontro com Jesus. É difícil ir para a Terra Santa e não conhecer Jesus, com Jesus que caminhou naqueles lugares. A segunda palavra que vem à mente é trabalho, porque estivemos três dias no Instituto Ecumênico de Tantur com todo o Conselho Geral para trabalhar, para trabalhar sobre temas importantes da Obra: a comunhão de bens, o trabalho, a Economia de Comunhão e tudo o que tem a ver com esse aspecto. Dedicamos este ano a esse aprofundamento. E também aos jovens.

Com Jesús Morán e muitos outros que estão aqui, estivemos no Panamá, e então a realidade dos jovens estava muito dentro de nós quando chegamos lá, e depois de um dia inteiro dedicado aos jovens para nós, e para todo o Conselho Geral, era fundamental aprofundar essa realidade de como viver melhor com os jovens na Obra.

Depois, trabalhamos em questões relacionadas à próxima Assembleia de 2020, as questões mais importantes.

E o terceiro ponto para mim foi o encontro com o povo da Terra Santa, com a comunidade em primeiro lugar do Movimento dos Focolares nesses lugares, mas também com algumas figuras importantes: o bispo luterano Younan, o rabino Kronish, o administrador apostólico, o bispo Pierbattista Pizzaballa, que nos deu uma visão geral intensa, forte, sincera, franca sobre o que se vive ali, quais são os desafios e as alegrias daquela terra, as suas esperanças.

Foram dias de trabalho, de peregrinação seguindo os passos de Jesus, os caminhos de Jesus; nós também visitamos os lugares sagrados. Mas a coisa mais bonita de todos os lugares sagrados era viver, caminhar na Terra Santa com Jesus no nosso meio, ou seja, uma peregrinação com ele, porque o Conselho não foi lá para fazer uma viagem, mas para estar com Jesus representando a Obra inteira. Então, é importante para nós, mas também para todos os outros.

Tamara: Mas vamos começar a nossa viagem diretamente de Jerusalém.

3. Jerusalém – A cidade de todos

Nadine Soudah: Tudo é dividido em Jerusalém. Judeus e árabes. Muitos foram ensinados a odiar o outro lado e ter preconceito contra eles. Por isso é muito difícil continuar a ter esperança e a acreditar na paz.

Speaker Stefania: A cor branca da pedra milenar de Jerusalém, com a qual muitos povos a construíram ao longo dos séculos, acompanha os nossos passos. / A Cidade Santa nos parece ainda mais complexa do que aquela que estamos habituados a ver, portanto, mais misteriosa. / Jerusalém não é uma cidade fácil. A tentação é ver somente o que os noticiários nos mostram: os atentados e a violência que envolvem judeus e palestinos, a difícil resistência dos cristãos nos lugares santos. Mas a realidade é só essa? Quantas

Jerusalém existem? Ainda há espaço para a esperança na cidade mais disputada do mundo?

Rabino Ron Kronish: Infelizmente, é uma cidade muito dividida. O leste de Jerusalém é habitado quase só por palestinos e o oeste tem maioria judaica. Cerca de 30% da população que vive em Jerusalém é de palestinos árabes, que são muçulmanos ou cristãos. Isso significa que cerca de 70% é judia. E isso, às vezes, cria tensões e, especialmente quando há violência. Parece que ambas as partes não se conhecem bem e gostaríamos de contribuir mais...

Sari Nusseibeh: Ser palestino em Jerusalém é particular. É como ter constantemente um peso sobre as costas ou sobre a cabeça porque, como talvez vocês saibam, temos sempre muitos problemas. São problemas ligados ao cotidiano, problemas econômicos, financeiros, legais, que muitas pessoas experimentam na cidade. Tenho um sentimento muito estranho por Jerusalém: por um lado, amo Jerusalém, mas, por outro, sinto indignação pelo que ela é hoje.

Speaker: Há dias em Jerusalém que é difícil andar pela Cidade Velha em meio à multidão de turistas e peregrinos. Em menos de um quilômetro quadrado se passa do bairro judeu ao cristão, do muçulmano ao armênio. É sexta à noite e o dia santo para os muçulmanos está terminando, enquanto o *Shabbat* judeu está começando. De quem é esta cidade? Um historiador francês escreveu que a Cidade Santa não pertence a ninguém, nem a si mesma, é uma cidade na qual o mundo inteiro se encontra para se confrontar e competir.

Dom Pizzaballa: Estou convencido de uma coisa após 30 anos de experiência em Jerusalém. Frequentemente, se diz que estamos condenados a viver juntos. O desafio é transformar essa condenação em bênção. Somos chamados a reencontrar continuamente as razões pelas quais estamos aqui. Nenhum de nós pode decidir nada sem o outro. Portanto, esse é o peso desta cidade, mas também a sua vocação.

Sari Nusseibeh: É uma distância que deve ser diminuída para ir ao encontro do outro e procurar ver as coisas segundo o seu ponto de vista. E muitas vezes, quando tomamos esta iniciativa, acho que as relações entre você e o outro tornam-se mais pacíficas, mais confortáveis para os dois e, pensando no conflito israelense-palestino, sempre senti que isso é algo que precisamos fazer. / Preciso fazer a minha parte e entender Israel, entender quem são e por que fazem o que fazem e eu espero, é claro, que façam o mesmo em relação a nós. Mas é algo que deve ser feito.

S. E. Munib Younan: Quando Deus escolheu Jerusalém como o local de sua morada, queria que fosse um lugar onde pudéssemos dar Glória a Deus juntos e não como inimigos. Devemos tratar cada um considerando a sua própria realidade. Devemos respeitar o *status quo* histórico de cada religião presente em Jerusalém. / Devemos fazer com que Jerusalém seja um lugar em que haja fé e não só religião. Há muita religião em Jerusalém, mas pouca fé.

Speaker: Hoje, Jerusalém é a maior cidade da Terra Santa com quase 900 mil habitantes e, fora da Cidade Velha, o antigo encontra o novo, em uma mistura do sacro com o moderno.

Rabino Ron Kronish: É uma cidade bonita, de esperança e de promessa de um futuro melhor. É também uma cidade cheia de vida. Na tradição judaica, falamos da Jerusalém

celeste e terrestre. Às vezes, a Jerusalém terrestre é difícil e gostaríamos que se aproximasse mais da celeste. Mas é uma cidade que contempla as duas realidades.

4. Terra Santa – história de diálogo

Tamara: Joseph, você viveu alguns anos em Jerusalém, e é uma cidade única. O que foi para você viver ali?

Joseph Assouad: Eu estive ali no início dos anos 90 e foi muito bom voltar, reencontrar muitos velhos amigos, caminhar pelas mesmas ruas; muitas coisas mudaram, a cidade velha é a mesma, mas saindo eu não reconhecia as ruas, todas eram novas, túneis que antes não tinham. Então foi muito bom para mim voltar a este lugar onde as pedras falam, realmente se sente, quando se caminha, que existe uma realidade sobrenatural neste lugar.

O que foi mais bonito para mim agora é que eu revisitei muitos lugares que eu conhecia muito bem, que disse para muitas pessoas visitarem quando iam para lá, mas dessa vez, estar ali com todos foi uma experiência de unidade muito bela. E no final, voltando aqui, me senti diferente, algo mudou em mim.

Tamara: Vamos ficar na Terra Santa para descobrir as pessoas que vivem nesta realidade tão complexa. Vejamos esta reportagem.

Anna Maria: Nasci em uma família árabe-cristã e esta foi a educação que recebi desde a infância. Nossa casa ficava em uma região onde havia muitos judeus, por

isso sempre vivemos o nosso 'ser cristãos' em sua verdadeira natureza, ou seja, aberta a todos. Trabalho como diretora de uma escola particular em Haifa.

Na escola, há estudantes cristãos e muçulmanos, atualmente são 50% muçulmanos e 50% cristãos. / Um dos meus objetivos no ensino é tentar desenvolver o diálogo, porque vejo que não há muita sensibilidade para isso na sociedade. Em particular com as crianças menores, com os alunos do ensino fundamental, tentamos colocar em prática a Regra de Ouro, que diz: "Faça aos outros o que gostaria que fosse feito a você". Eu tenho um relacionamento muito próximo com o diretor de outra escola, um muçulmano. Acreditamos no nosso trabalho: educar as novas gerações para serem mais abertas ao diálogo e ao acolhimento de outras pessoas.

Talat: Tudo começou quando conheci a Anna, em 2001. Eu não sabia qual era a religião dela ou o que era o focolare... éramos dois colegas sentados à mesa, e me impressionava a sua tranquilidade, a sua maneira de lidar com os problemas. Nós não falamos sobre diálogo: isso já era diálogo, uma conversa que encorajava a continuar se conhecendo.

Jessica: Sou casada e tenho 2 filhos. Aqui em Giv'at Shmuel quase todos são judeus praticantes, e a maioria das pessoas leva uma vida muito parecida. Todos criam seus filhos e têm preocupações muito semelhantes. É uma vida tranquila, sem muitos desafios, empobrecida. / Trabalho como tradutora da Bíblia, e acredito que a paz é fundamental para o que fazemos e aspiramos, para o que vivemos e pedimos em oração enquanto judeus. / É difícil explicar o que significa ser judia ortodoxa... porque sempre

vivi assim; mas eu diria que é uma vida na qual procuramos fazer a vontade de Deus. O Sabbath é muito importante para todos nós. / Aos sábados não trabalhamos, mas ficamos em casa com a família e com os amigos que nos visitam, e vamos orar na sinagoga.

Anna Maria: Em 2009, durante os confrontos em Gaza, nasceu a ideia de fazer uma noite de oração entre judeus, muçulmanos e cristãos.

Talat: Entramos em uma igreja e vimos velas, judeus, cristãos, e talvez éramos os únicos muçulmanos. Alguém também estava fazendo as filmagens; significava que as pessoas me veriam... um muçulmano de uma aldeia árabe com cristãos e judeus. O que diriam de mim? Neste encontro não falamos sobre diálogo. Nós apenas rezamos e ficou nisso. O salto de qualidade ocorreu na Itália, em Roma, onde conhecemos pessoas de muitas religiões. E o mais estranho foi encontrar judeus que moravam perto de mim, mas eu os vi de forma diferente. De repente, encontrei a Jessica no jantar, sentada à minha mesa. Imaginem o dilema que eu estava vivendo, eu deveria falar primeiro? Ela iria começar? Como me via? Como um árabe, um palestino ou um judeu?

Jessica: Perguntei-lhe se poderíamos almoçar juntos e Talat mostrou-se imediatamente disponível e amigável. Eu não tinha nada com o que me preocupar. Nós nos sentamos e nos apresentamos, então eu lhe disse: "Escute, eu tenho um problema que gostaria de lhe contar". Ele me disse: "Não, pare imediatamente; não diga: 'Eu tenho um problema', diga 'Eu tenho um desafio'. / Eu sorri e disse a ele qual era o meu desafio, e tivemos uma boa conversa.

Talat: Acredito que meu encontro com Jessica me abriu para uma nova compreensão; no sentido de que crescemos pensando que os judeus praticantes não gostam dos árabes. Havia um muro que nos impedia de nos comunicarmos com eles, e esse muro desmoronou.

Jessica: Fomos visitar Talat e Noha, e meu marido veio também. Era a primeira vez que eu ia a Fureidis, onde eles moram. Normalmente eu não teria motivo para ir até lá. Claro... não são coisas desse tipo que fazem a diferença no mundo, mas temos um amigo; um outro amigo, um aliado.

Anna Maria: As coisas nem sempre são fáceis, mas se nos esforçamos para ver até mesmo os inimigos com olhos novos, acredito que o amor seja contagiante e, portanto, com certeza algo mudará.

Jessica: É muito mais aquilo que temos em comum do que aquilo que nos separa, mas em Israel é mais complexo. / A paz virá um dia. Eu acredito que o diálogo significa manter aceso o fogo, manter viva a paz, e, quando chegar a hora, saberemos como realizá-la e os nossos filhos também...

Anna Maria: Eu estaria mentindo, se dissesse que estou sempre em paz, especialmente quando me encontro em tais situações. Talvez aqui em Haifa a convivência seja mais fácil e, portanto, não sentimos tanto o problema. Mas quando saímos ou vemos as coisas na TV, vem logo a vontade de julgar, mas me esforço para que isso não me condicione.

Talat: Talvez Deus queira que eu seja um instrumento. Chiara começou quando era uma jovem e veja onde ela chegou! Ela também chegou aqui em Fureidis, ela chegou ao

mundo inteiro... Então, como posso perder a esperança? Talvez não vejamos a paz em nosso tempo, mas com certeza ela virá.

5. Jerusalém - O “Centro para a unidade e a paz”

Tamara: A paz... Pode ser construída de mil maneiras: sentados à mesa para conversar ou abrindo as nossas casas, como acabamos de ver no vídeo, mas às vezes precisamos de lugares para nos encontrarmos e conversar. Sobretudo em Jerusalém.

Nadine (em inglês): Acho que em Jerusalém falta um ponto de encontro para árabes e israelenses. Deveria haver um lugar onde pudessem estar juntos, conversar simplesmente... é assim que nascem as amizades.

Stefania (em italiano): Nadine tem 26 anos, estuda Biologia na Universidade, nasceu e cresceu em Jerusalém. Sonha com um futuro de paz para a sua cidade, um futuro que espera ver com os próprios olhos.

Nadine (em inglês): Espero que um dia vivamos todos em paz, sem divisões e eu possa ir a um bairro judeu, ter amigos israelenses e ir com eles ao restaurante e partilhar as nossas culturas.

Stefania: Estamos fora dos muros de Jerusalém. A tradição diz que à noite, depois da última ceia, Jesus passou por esta antiga escada romana para ir ao jardim das Oliveiras e que ali pronunciou a oração pela unidade: “Pai, que todos sejam um”. / Chiara Lubich veio à Jerusalém pela primeira vez em 1956 e parou justamente nessa escada; desejou que aqui nascesse um centro para o diálogo e a unidade./

Nos anos 80 apresenta-se a oportunidade de adquirir um terreno próximo àquela que hoje é conhecida como “a Escada” e a possibilidade de construir um centro neste lugar se torna realidade. O “Centro para a Unidade e a Paz” recebeu de Chiara um mandato preciso: deverá ser um lugar de espiritualidade, estudo, diálogo e formação. Um lugar aberto a pessoas de diversas idades, culturas, credos e proveniências; orientado a estimular o encontro, o conhecimento do outro, a favorecer relações autênticas. O projeto apresenta uma estrutura multifuncional, adequada para acolher eventos e iniciativas de naturezas diferentes em nível internacional e local. Será uma construção de dois andares com 1.180 metros quadrados. O Auditorium será no andar subterrâneo, enquanto o teto e o terraço estarão integrados à paisagem. Na área externa de quase 8.000 metros quadrados, se alternarão áreas verdes e espaços projetados para encontros e interação.

Therese (em árabe): Acho que um centro para a paz e a unidade pode dar uma grande contribuição ao Movimento dos Focolares, à Igreja e à sociedade. Um centro que reúna pessoas de povos e religiões diferentes, justamente aqui, em Jerusalém, um lugar de divisão e conflito.

Dom Pizzaballa (em italiano) Quando ouvi dizer que os Focolares construiriam este novo centro, a primeira coisa que pensei foi: “Esperemos que seja algo novo, diverso, que faça a diferença”. Precisamos formar a comunidade local a confiar no diálogo, no encontro. Que seja um centro que fale não somente aos estrangeiros que vêm aqui, mas às pessoas que moram aqui, que recebem os estrangeiros.-

Sari Nusseibeh (*em inglês*): Será um centro que construirá pontes e que deverá favorecer a criação desta autêntica viagem rumo à compreensão; uma viagem que permita diminuir as distâncias entre nós. Significa formação psicológica, conhecimento das religiões.

Rabino Ron Kronish (*em inglês*): O que torna este projeto único é a criação, em Jerusalém, de um espaço para que pessoas de todos os credos possam se encontrar sempre, dentro ou fora, formal ou informalmente. Diria que há muitos anos procurávamos um lugar assim em Jerusalém e agora temos um e será uma grande contribuição para a nossa cidade.

6. Dialogando com Francisco Canzani e Joseph Assouad

Tamara: O que vocês viram é o projeto para realizar o sonho de Chiara. Por enquanto é um gráfico 3D, que deve ser transformado do virtual para o real. Dependerá de nós conseguir realizá-lo. Hoje queremos começar uma grande comunhão de bens mundial. Como podemos participar? Vocês devem digitar este endereço da página web do "Centro Internacional para a Unidade e a Paz", que é: icupj.org

E que significa: Centro Internacional para a Paz e a Unidade – Jerusalém, em inglês.

Uma vez na página, podem encontrar todas as informações sobre o centro e o projeto. No menu no canto superior direito, poderão ler: "Build with us", que significa "Construa conosco". Ali encontrarão todas as informações para doar a própria contribuição. Estão vendo na tela. Uma primeira possibilidade é fazer doações para essa conta bancária.

... A criatividade nos sugerirá muitas outras maneiras de contribuir e difundir este projeto para outros.

Tamara: Joseph, durante a permanência de vocês em Jerusalém, vocês e todo o Conselho, visitaram o terreno onde surgirá o Centro. Também a comunidade da Terra Santa estava presente. Emmaus fez ali um gesto importante; colocou no terreno uma medalha, como sinal inicial. Que contribuição este centro pode dar a este lugar, a Jerusalém?

Joseph: É um Centro fantástico porque antes de tudo é um sonho. Quando eu estava lá, nos anos 90, já era uma coisa antiga porque, na década de 80 - como dissemos – já queríamos construí-lo, mas havia muitas dificuldades burocráticas, por razões arqueológicas, e só agora conseguimos ter quase tudo para começar. Então é um sonho para todos nós.

Este Centro tem mais de 8000 metros; em Jerusalém, se alguém tem 500 metros já está feliz; ter 8000 metros em Jerusalém, a 300 metros do muro da cidade velha, é verdadeiramente um presente do Pai Eterno.

E o Centro está entre o lado judeu e o lado árabe. Isso é muito importante porque nem os árabes sentirão que precisam ir encontrar os judeus na parte hebraica e nem os judeusAli, todos se sentirão como se ainda estivessem em casa. É realmente um lugar que Deus pensou para este projeto, um projeto de diálogo entre judeus, muçulmanos e cristãos, em um lugar muito estratégico de Jerusalém. Isto em relação ao lugar.

Em relação ao diálogo, já que sou do Oriente Médio - cada vez mais percebo que o diálogo não é uma opção, é um dever, algo necessário. Não podemos seguir em frente sem o diálogo; o mundo não pode avançar se não dialogamos juntos. Portanto, ter um centro para se reunir é muito importante.

Pudemos notar que este diálogo já existe, porque há judeus que nos conhecem, muçulmanos que nos conhecem, e mesmo fora da Terra Santa há tantas relações com judeus e muçulmanos. O fato de ter um lugar para se encontrar é muito importante, não podemos dialogar pelas ruas, devemos ter um ponto. Precisamos disso para continuar.

O que é mais bonito, e que vimos no vídeo, é que este Centro é muito bonito, é acolhedor, podemos descansar ali, podemos nos conhecer. Sem dúvida é bom estudar, é importante fazer conferências, mas se não houver um relacionamento de irmãos... Ter um lugar tão acolhedor no meio da cidade ajudará a construir a fraternidade.

Por isso, digo a mim mesmo que é um sonho para todos aqueles que querem construir a paz e a fraternidade no Oriente Médio e também no mundo.

Tamara: Francisco, para todos nós, que não vivemos em Jerusalém, qual é o significado e valor deste lugar na sua opinião?

Francisco: Creio que a reportagem foi muito eloquente. Jerusalém é um microcosmo, com todos os desafios que chegam ali e que partem dali, mas é também a cidade da esperança, não só porque é a cidade da ressurreição de Jesus e, portanto, da esperança definitiva, mas porque é uma cidade de encontro, realmente um ponto de encontro entre as três religiões monoteístas. Existe, portanto, a grande possibilidade de testemunhar a unidade e a paz, que deve chegar a todos, que talvez agora esteja limitada àqueles que atuam neste âmbito, às autoridades das diferentes religiões, mas deve chegar ao povo. Este Centro oferecerá aos leigos e ao povo - como Joseph disse agora - a possibilidade de se encontrar, de estar juntos.

E será bom também para nós que somos de fora. Precisamos fazer de tudo para que as pessoas possam se encontrar ali.

Tamara: Obrigada! E agora nos transferimos para o Panamá, durante a Jornada Mundial da Juventude com Papa Francisco, que foi feita no último mês de janeiro...

7. Coligação com o Panamá – Pós JMJ

Papa: Queridos amigos, vocês fizeram muitos sacrifícios para chegar até aqui. Assim vocês se transformam em verdadeiros mestres e artesãos da cultura do encontro.

Tamara: Francisco, você é do Uruguai.

Francisco: Sim, sou uruguaio.

Tamara: ...e participou da JMJ no Panamá.

Francisco: Sim, estive ali.

Tamara: Na sua opinião, o que essa JMJ significou para o continente latino-americano, que é chamado o continente da esperança?

Francisco: É uma pergunta difícil. Na minha opinião, é um olhar de toda a Igreja, mas é um olhar do Papa para este continente, para as suas tristezas, desafios e esperanças. Muito significativo o momento da Via Sacra na sexta-feira com o Papa Francisco, onde vinha em evidência – nas 15 estações tradicionais da Via Sacra – o sofrimento da América Latina: do tráfico de drogas à pobreza extrema, à marginalização, etc., e este sofrimento está ligado a um determinado povo, um dos povos latino-americanos e que tem um rosto, o rosto de Maria, porque toda a jornada estava centrada naquela frase de Maria: "Faça-se em mim segundo a tua palavra".

O Papa Francisco, nesta relação direta, forte, incisiva com os jovens, perguntou em um determinado momento: "Mas vocês têm coragem de levar a esperança no ventre, como Maria, e de acreditar no poder transformador do amor?".

Não se podia de forma alguma pressupor as respostas para esta pergunta; para isso foi necessária toda a JMJ, que foi um grande ato de fé de que o amor pode transformar radicalmente a realidade, até mesmo uma realidade complexa como a da América Latina.

Portanto, o encontro do Papa com os jovens, o encontro dos jovens entre si, o encontro dos jovens com Deus, porque havia momentos de contemplação, foram momentos muito altos, onde todos que estavam lá – eu não sou jovem, mas estava lá com eles – se encontraram com Deus diretamente e isso é algo que permanece para sempre.

Tamara: Neste momento, damos a palavra diretamente aos jovens no Panamá. Podemos falar com Dustin e Zulay que participaram e construíram esta 34ª Jornada Mundial, cujo lema era "Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra".

Oi Zulay, olá Dustin!

Zulay, depois da Jornada Mundial da Juventude com o Papa Francisco, vocês organizaram um momento que chamam de "Amor sem fronteiras". O que foi? Quem estava presente?

Zulay: Foi uma reunião com quase 300 jovens de 15 a 30 anos, vindos do México, Guatemala, Honduras, El Salvador, Nicarágua, Costa Rica, Argentina, Uruguai, Brasil e Panamá... O objetivo era aprofundar a experiência vivida durante a JMJ com o Santo Padre. Nesta linha, o discurso de Jesús Morán no primeiro dia, nos ajudou a descobrir o significado das palavras do Papa Francisco em nossas vidas e como encarná-las na sociedade de hoje.

Dustin: O programa, preparado por nós, jovens do Movimento dos Focolares da América Central, propôs Maria, protagonista desta JMJ. Francisco Canzani, com outros oradores, nos propuseram Maria como companheira de viagem e modelo de vida graças ao seu "sim" a Deus. A vocação. Acima de tudo, ao amor e ao serviço, enfatizados pelo testemunho de pessoas de diferentes vocações. Muito importante a presença do Gen Verde, que nos acompanhou nos 3 dias com suas músicas, experiências e workshops.

Tamara: Zulay, para você, pessoalmente, como foi?

Zulay: Superou todas as minhas expectativas! Depois de ter vivido esses dias, o que me resta é o Sim de Maria que me leva a não ter medo e a responder "sim" a Deus, independentemente do que Ele me peça, todos os dias.

Tamara: Eu sei que vocês concretizaram este sim com ações concretas...

Dustin: Nós vimos no programa *Caminhos para um mundo unido*, lançado no Genfest, uma maneira de concretizar imediatamente essa vocação ao amar. Assim, fizemos uma primeira arrecadação para Cuba e nos comprometemos nos próximos dois meses a difundir uma comunhão de bens mundial para a Venezuela.

Tamara: Obrigado Dustin, obrigado Zulay! Estamos acompanhando a difícil situação... (aplausos) Também nós continuamos a seguir esta situação difícil na Venezuela e esperamos que haja uma solução positiva, sobretudo para as pessoas que há anos estão vivendo este drama. Pensamos contantemente em vocês.

8. Conexão com a África Oriental - Juntos por uma nova África

Tamara: Viramos página. Vamos ao Quênia, precisamente a Nairóbi. Ali, em janeiro, houve um curso muito especial para jovens líderes de diferentes países africanos. Imaginem, é a primeira vez que isso acontece. O curso se chama "Juntos por uma Nova África".

Melchior (*em inglês*): A ideia de “Juntos por uma nova África” nasceu quando eu frequentava a Universidade Sophia com outros jovens da África, em Loppiano. Conversávamos a respeito dos desafios do nosso continente e nos dissemos: aqui em Sophia estamos fazendo uma experiência muito válida, mas como podemos transmiti-la aos outros jovens da África?

Então organizamos um curso de formação para jovens de 7 países: Burundi, Rwanda, Tanzânia, Uganda, Quênia, República Democrática do Congo e Sudão Sul. 107 jovens acompanhados por seus tutores. A composição do grupo foi fundamental, pois o primeiro desafio são as divisões. Por exemplo, as relações entre nossos países de origem: Burundi e Rwanda não se falam entre eles, Congolese e Ruandeses são inimigos: portanto, ver todos eles sentados juntos, falando e descobrindo as belezas de cada povo! Este era o primeiro desafio. Em seguida, como se tornar um líder: o que significa construir um diálogo, temos necessidade de construir pontes, e não de derrubá-las. Este foi o ponto de partida do projeto que deve durar três anos.

Amandine (*em francês*): Entendi que eu posso dar a minha contribuição, por exemplo, colocando em prática os valores que nos ensinaram: o valor de “ubuntu”², o valor da escuta, o comportar-se como um “homem sábio” – conversamos muito sobre a Sabedoria – entendi que, com estes valores podemos desenvolver um comportamento novo por uma África nova.

Melchior (*em inglês*): Estamos no início e, de alguma forma, já atingimos o nosso objetivo, embora tenhamos uma longa estrada a percorrer.

Tamara: Esther Wambui trabalha como especialista em comunicação corporativa e participou do curso. Vamos ouvir:

² Eu existo porque nós existimos.

Esther, você poderia nos dizer porque participou deste seminário?

Esther: O motivo para participar de "Juntos por uma nova África" é porque me sinto uma líder nata. Sou o tipo de pessoa que deseja abrir estradas e fazer o possível para mudar o ambiente ao meu redor.

E como continuará este impenho por uma nova África?

Esther: Os participantes dos vários países receberão um incentivo para a elaboração de projetos, programas e atividades a serem realizados nos próprios países, e a trabalharem juntos para a realização de um sonho através de ações diárias, inclusive no aspecto político da liderança, que hoje está de fato arruinando o continente africano.

9. Co-Governança – Corresponsabilidade nas cidades hoje

Tamara: Vamos mudar de assunto e pensar por um momento como seriam as nossas cidades, as cidades em que vivemos se fossem governadas não apenas pelos administradores, mas se houvesse uma participação ativa de todos os cidadãos... Foi o que aconteceu nas histórias que veremos agora.

Speaker Paolo B. (em italiano): Quando o primeiro avião motorizado voou em 1903, menos de 20% da população mundial vivia em áreas urbanas. Este percentual será de 70% por volta de 2050.

(música)

A urbanização, portanto, é um dado que traz consigo aspectos positivos e negativos. Mas como lidar com eles? É necessário trabalhar juntos: os governos, as empresas, os cidadãos. Co-governança: governando juntos. Um projeto que reuniu para uma conferência internacional administradores locais, urbanistas, cidadãos e estudantes, de 17 a 20 de janeiro, em Castel Gandolfo, próximo a Roma.

Homem (em italiano): Eu sou de Arzano, Itália, e sou presidente da Câmara de Vereadores.

Uma jovem (em alemão): Sou de Viena, na Áustria, e estudei Ciências Políticas.

Homem (em húngaro): Sou János Kövári, faço parte do governo local de Récs, na Hungria.

Mulher (em português): Sou assessora parlamentar da Câmara Municipal da minha cidade.

Jo Spiegel, prefeito de Kingersheim (em francês): Há lugares particulares para viver os diversos momentos da vida: para estudar, para fazer esporte, para trabalhar; mas não há lugares apropriados para exercitar a democracia. Portanto, há um vazio a preencher. Não se faz democracia somente durante as eleições, mas sim todos os dias e todos juntos. Eu quis construir a “casa da cidadania” que é, para a democracia, o que a bigorna é para o ferreiro. É o lugar da prática. A casa da cidadania é frequentada por todos os organismos participativos que se exercitam na engenharia democrática, porque a democracia não se improvisa.

Speaker (em italiano): Federico Restrepo-Posada é um engenheiro civil; após muitos anos de trabalho na cidade de Medellin, na Colômbia, foi confiado a ele o plano de desenvolvimento regional.

Federico Restrepo-Posada – “Compromisso cidadão”, Medellin, Colômbia (em espanhol): Eram as áreas da região de maior pobreza e violência e a mais marginalizada de todas. Trabalhamos por quatro anos para conectá-la e criar um centro de formação universitária na região, não em Medellin, com a universidade pública de Antioquia. E enfim, com outros setores da sociedade, com empresas,

com ONGs, elaboramos um plano de desenvolvimento que pudesse mostrar uma saída para essa região.

Speaker (*em italiano*): Diante dos problemas não basta reclamar. Todo cidadão pode se tornar agente de mudança. É o caso de Anna Maria Panarotto.

Anna Maria Panarotto “grupo de mães não-pfas³” Vicenza - Itália (*em italiano*): Desde quando eu era gen, jovem do movimento, sempre tive impresso no coração aquilo que Chiara nos disse: “morrer pela própria gente”; por isso sempre foi natural me empenhar naquilo que, antes de tudo localmente, eram as problemáticas.

Trecho de um telejornal TG Vicenza (*em italiano*): Poluição por produtos tóxicos (*pfas*) e dados chocantes revelados na triagem regional preocupam cada vez mais as mães de crianças que vivem em áreas contaminadas

Speaker (*em italiano*): A triagem de amostras detecta no sangue de jovens da região uma alta porcentagem de um veneno tóxico presente no lençol freático.

Anna Maria Panarotto (*em italiano*): Um pequeno grupo de mães se reuniu para partilhar a preocupação e a indignação; mas também para fazer algo concreto.

Agora somos milhares e trabalhamos junto a outros grupos, inclusive com grupos ambientalistas importantes. Porém o que nos distingue é que escolhemos dialogar. Primeiro nós nos preparamos. Inicialmente dialogamos com nossos prefeitos, depois com a região, depois, por várias vezes no ministério. Depois fomos também ao Parlamento Europeu porque não queremos que essa ação fique restrita ao nosso problema. Não queremos que isso que aconteceu conosco se repita. É preciso prevenir.

Speaker (*em italiano*): Falava-se frequentemente em “*smart cities*”, cidades inteligentes, a última tendência em planejamento urbano que visa melhorar a qualidade de vida nas cidades também por meio da tecnologia. É a era do digital, mas talvez as coisas sejam muito mais complexas do que parecem.

Fadi Chehadé UN Secretary General’s High Level Panel on Digital Cooperation USA (*em inglês*):

Quanto mais acreditamos estar conectados digitalmente, menos parece que estamos conectados humanamente. Acredito que as “*smart cities*” devam se reinventar como “*idades vivas*”, não somente como cidades tecnicamente conectadas. Precisamos de novos mecanismos de valores, que permitam aceitar que incorporem tais valores em cada fase da construção do novo mundo digital. Devemos criar uma espécie de “*juramento tecnocrático*”, de forma que todo jovem que escreve um jogo, todo engenheiro que trabalha para uma grande empresa, projetando um algoritmo para controlar dados, todo cientista que sonha com a próxima invenção, seja dotado de valores comuns.

Speaker (*em italiano*): Nós, os outros; à direita, à esquerda; a nossa vida está repleta de polaridades que colidem, ou melhor, que correm o risco de nunca se encontrar. A nossa rotina, as nossas relações estão repletas disso, também os nossos parlamentos.

Jeong woo Kil (*em coreano*): Eu me chamo Kil Jeong-Woo, do partido da situação.

Park Soon-Hyon, former member of National Assembly Republic of Korea (*em coreano*): Eu sou

³ Os PFAS são compostos que, desde os anos cinquenta, se espalharam por todo o mundo, usados para tornar resistentes a graxas e tecidos aquosos, papel, revestimentos para recipientes de alimentos, mas também para a produção de filmes fotográficos, espumas de combate a incêndios, produtos de limpeza domésticos. Como consequência da extensa produção e uso de PFAS e suas características químicas, estes compostos foram detectados em concentrações significativas no meio ambiente e em organismos vivos.

Park Soon-Hyon do partido de oposição. Creio que o Parlamento seja um lugar de confronto; confronto que até pode ser forte, mas que nunca deve resultar em um ataque violento.

Kil Jeong-Woo, former member of National Assembly Republic of Korea (em coreano): Posso acrescentar que, justamente por isso, o Movimento Político pela Unidade na Coreia instituiu o prêmio “Correta linguagem política”, para encorajar os políticos a usarem uma linguagem moralmente correta. Todos os anos, conferimos esse prêmio para enfatizar a importância de “purificar” a linguagem do mundo político.

Park Soon-Hyon: Enquanto eu exigir que o outro aceite as minhas opiniões, o meu modo de pensar, surge a discórdia, nos sentimos inseguros e desunidos. Por isso é bom ter consciência da diversidade do outro e dar um passo de cada vez, em direção à unidade. Nesse sentido o Movimento político pela Unidade dá uma grande contribuição.

Sergio Previdi, MPPU Brasil (em português): A diferença não é a nossa pobreza. As diferenças tornam-se as nossas riquezas. A democracia pressupõe o diálogo. Então quando se provoca o diálogo, nós somos contribuidores.

Luiz Carlos Hauly, membro do Parlamento, Brasil (em português): A base é a tolerância o entendimento. Eu sempre fui muito combativo. Sempre fui muito duro, afirmativo. E no Jesus Abandonado, na reflexão de Chiara: tenho que perdoar o inimigo, o adversário. Meu Deus, como é difícil isso, né? Mas daquele dia em diante foi um marco. Eu tirei esse peso do meu coração e me libertei.

Emilce Cuda, Theologian Buenos Aires Argentina (em espanhol): No mundo moderno a palavra espiritualidade perdeu o seu conteúdo e se refere somente a uma evasão da realidade, a viver de modo virtuoso, a controlar as emoções e os sentimentos. Todavia, a espiritualidade é relação. Se tivéssemos que defini-la em termos modernos e políticos, a espiritualidade é o povo, é a cidade, porque são os seres humanos em relação entre si, conectados uns aos outros e à própria vida.

Letizia De Torre, MPPU (em italiano): Co-governance é um percurso, não é um evento. É uma grande ideia e também um grande patrimônio de trabalho de todos nós.

Speaker (em italiano): A conferência se concluiu com a elaboração e a assinatura de um “Pacto para uma nova governança”. No entanto, este não é um documento esculpido em mármore, mas sim uma “provocação” à ação, à construção, ao pensamento em redes. Governar juntos, portanto, depende de mim, de você, depende de todos nós.

10. Dialogando com Maria Voce e Jesús Morán

Tamara: Emmaus, Jesus, sejam bem-vindos! Eu gostaria de voltar com vocês ao início, de onde nós partimos... de Jerusalém.

Jesus, o que você vivenciou nesta viagem?

Jesus: Eu acho que já foi dito tudo através das reportagens, impressões e comentários de Joseph e Francisco, mas primeiro eu diria a oração – como Francisco disse –, porque em Jerusalém tudo fala de Deus, até mesmo as pedras falam. Não é que haja momentos de oração, mas, estando ali se reza sempre. Eu também tentei rezar à noite ao ar livre, imaginando como Jesus fazia.

Quando alguém está em Jerusalém, especialmente na Terra Santa, mas acima de tudo em Jerusalém, tem uma percepção clara de que a história passa por ali; a história da relação entre a humanidade e Deus e entre Deus e a humanidade, com todas as

repercussões sociais, políticas e culturais que isso comporta. E este é o paradoxo da Terra Santa, o paradoxo de Jerusalém, que mesmo que tudo seja separado – com vimos –, há uma possibilidade única de unidade, existe uma concentração cultural, religiosa e espiritual de enorme alcance, então tudo, mesmo que pareça pequeno, tem um grande significado.

Eu tenho dentro de mim, de maneira particular, o que dom Pizzaballa disse quando esteve conosco. Ele falou de estilo, falou muito sobre esse estilo de estar ali. Eu diria que o que nós, e também muitos outros, estamos tentando fazer em Jerusalém é justamente fazer do diálogo um estilo de vida. É o que é preciso e, com base nisso, tudo é possível.

Portanto, uma experiência verdadeiramente única, porque Jerusalém é única.

Tamara: Emmaus, não foi a sua primeira viagem à Terra Santa.

Emmaus: A terceira.

Tamara: Desta vez houve algo que lhe impressionou particularmente. Por quê?

Emmaus: Vou tentar me lembrar de dois momentos, escolho dois momentos entre os muitos: o momento da visita no Horto das Oliveiras, na Igreja da agonia de Jesus e o momento do Cenáculo. Fiquei muito impressionada no Horto das Oliveiras ao pensar em Jesus que estava lá, vendo todo o mal que estava se aproximando dele, orando, orando ao Pai, com os apóstolos, relativamente perto dele, porque ele os havia chamado para rezar juntos. Mas, enquanto orava ao Pai, num certo momento sentiu que precisava ir ao encontro dos seus amigos, dos apóstolos, para ver o que eles estavam fazendo, e eles dormiam, dormiam enquanto Jesus rezava, enquanto se preparava para esse momento terrível que estava prestes a chegar. Ele os acordou, e esse fato de tê-los acordado, pareceu-me o maior ato de amor que Jesus podia ter feito, como se dissesse: eu estou vivendo tudo isso pelos homens e queria viver com os homens, como algo que ele queria fazer com os seus amigos.

Por isso, espontaneamente pedi a Jesus: acorde-nos; quando você perceber que estamos quase dormindo ou que já estamos dormindo, acorde-nos. E pareceu-me que ele me dissesse: sim, eu acordo vocês para que possam ir ao encontro das necessidades da humanidade. Se estiverem atentos, perceberão que chamo por vocês em todo irmão que sofre, em toda situação dolorosa, dizendo: "Ajude-me, fique comigo, fique comigo". E isso me pareceu o maior ato de amor de um Deus que estava dando a vida pelos homens.

Outro momento extraordinário me pareceu o do Cenáculo, porque, em uma parte do Evangelho está escrito explicitamente que Maria estava presente e tive a impressão de que isso era algo belo, porque foi o momento em que essa realidade de família, que Jesus veio construir na terra, se revelou ao mundo. E toda família precisa de uma mãe, por isso Maria estava ali naquele momento. Maria ao lado desses apóstolos que estavam amedrontados, assustados; a multidão estava gritando e eles ouviam a multidão que gritava contra o Mestre deles, que o havia crucificado, caluniado, e, portanto, essa multidão os assustava, podemos imaginar. Mas naquele Cenáculo, em um certo momento, eles foram investidos por uma força sobrenatural impetuosa, porque o Espírito Santo entrou e esse Espírito Santo os transformou. Então eles se

voltaram para essa multidão, não para repreendê-la, não para reclamar, mas para anunciar. Anunciar o quê? As maravilhas que Deus fez.

E, imediatamente, mediante deste anúncio, os Evangelhos dizem que 5000 pessoas se juntaram a eles. Tive a impressão de que essas 5.000 eram o grupo inicial da fraternidade universal, como se naquele momento tivesse começado a história da Igreja - porque a história humana começou no tempo de Abraão, mas a história da Igreja, nascida, desejada por Jesus para realizar a fraternidade universal, o *ut omnes*.

Posso dizer o que trago de Jerusalém? Uma nova convicção de que o *ut omnes* se realizará e uma paixão para contribuir para realizá-lo.

Essa é a coisa mais forte. Agora vamos ouvir o pensamento de Chiara. Ela também nos dirá isso; nos dirá para não termos medo. Às vezes, quando sentimos que o nosso trabalho não é necessário, que não podemos fazer nada, que as dores da humanidade são muito grandes, que o que fazemos não faz sentido, nesses momentos Jesus diz: "Lance a rede, jogue a rede, seja corajoso, comece de novo, você vai conseguir, vai conseguir porque eu estou com você".

Este é o maior dom que Jerusalém me deu e que espero dê a todos; que Jerusalém e a Terra Santa me deram, e espero que faça o mesmo a todos aqueles que nos ouvem neste momento.

Tamara: Obrigada!

Emmaus: Obrigada a vocês. (Aplausos)

11. Chiara Lubich: "Por causa da tua palavra, lançarei as redes".

Tamara: Só nos resta ouvir as palavras de Chiara. É um pensamento tirado de uma "PALAVRA DA VIDA", um comentário que Chiara fazia mensalmente a uma frase da Sagrada Escritura.

(...)

Quando Jesus acabou de falar, sentado na barca de Simão, pediu a ele e a seus companheiros que jogassem as redes para pescar. E Simão, embora afirmando que já tinham se esforçado a noite toda, sem nada apanhar, acrescentou: "**Por causa da tua palavra, lançarei as redes**".

Uma vez feito isso, apanharam tamanha quantidade de peixe que as redes estavam para se romper. (...)

Após uma noite perdida, Pedro, pescador de profissão, poderia muito bem achar graça e rejeitar o convite de Jesus para jogar as redes durante o dia, por ser o momento menos propício. No entanto, indo além das evidências, confiou plenamente em Jesus.

Esta é uma situação típica pela qual deve passar todo cristão, também nos dias de hoje, (...). A sua fé, de fato, é testada de mil maneiras.

Seguir a Cristo significa decisão, empenho e perseverança; enquanto que, no mundo em que vivemos tudo parece nos convidar ao comodismo, à mediocridade, ao "deixa isso pra lá".

A tarefa a ser cumprida parece árdua demais, inatingível, fracassada de antemão. É preciso, então, ter a força para ir adiante, para resistir às influências do nosso ambiente, do nosso contexto social, dos amigos, dos meios de comunicação.

É uma prova dura que devemos enfrentar (...)

Mas se aceitarmos esta batalha, ela nos fará (...) experimentar que as extraordinárias palavras de Jesus são verdadeiras. Veremos também que as suas promessas se cumprem (...). Deus sacia plenamente quem o segue, dá o cêntuplo nesta terra, e também a vida eterna. É a pesca milagrosa que se repete.

“Por causa da tua palavra, lançarei as redes”.

Como colocar em prática, então, esta Palavra de Vida?

Fazendo também nós a mesma opção de Pedro: ***“Por causa da tua palavra...”***. É preciso confiar na palavra de Jesus; não duvidar daquilo que ele pede, mas, pelo contrário, basear o nosso comportamento, as nossas atividades, a nossa vida na sua palavra.

Dessa forma, colocaremos os alicerces da nossa existência sobre o que há de mais sólido e mais seguro. E então contemplaremos, admirados, que onde se esgotam todos os recursos humanos, Deus intervém e veremos que justamente lá onde é humanamente impossível, é aí que nasce a vida.”⁴

12 . Conclusão

Tamara: Então também nós “por causa da tua palavra”, lançamos as redes com confiança, sem medo ou dúvidas. Antes de nos despedirmos temos uma surpresa, porque durante a transmissão, alguns gen, que estavam reunidos na Sérvia, nos mandaram uma saudação. São 70 jovens de toda a Europa do Leste. Ouçamos a mensagem deles.

Gen: Somos da Sérvia. Estamos reunidos para um congresso gen na Sérvia, de toda a região Violeta, um abraço a todos.

Tamara: Também nós saudamos vocês. (aplausos) O próximo Collegamento será